

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
TALITA FERNANDA SANTANA DE LIMA

A tribo dos surdos no ciberespaço

Juiz de Fora
Janeiro de 2007

Talita Fernanda Santana de Lima

A tribo dos surdos no ciberespaço

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como requisito para
obtenção de
grau de Bacharel em Comunicação
Social
na Faculdade de Comunicação Social
da UFJF

Orientador: Potiguara Mendes da
Silveira Júnior
Co-orientador: Carlos Alberto
Marques

Juiz de Fora
Dezembro de 2006

Talita Fernanda Santana de Lima

A tribo dos surdos no ciberespaço

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para
obtenção de grau
de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social
da UFJF

Orientador: Potiguara Mendes da Silveira Júnior

Co-orientador: Carlos Alberto Marques

Trabalho de Conclusão de Curso / Dissertação aprovado (a)
em 06/02/2007 pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Potiguara Mendes da Silveira Júnior (UFJF) – Orientador

Prof. Dr. Carlos Alberto Marques (UFJF) - Co-orientador

Prof. Dr. Nelma Froés (UFJF) - Convidada

Conceito Obtido _____

Juiz de Fora
Dezembro de 2006

RESUMO

Análise do contato do surdo com a internet, com ênfase nas contribuições deste meio de comunicação ao desenvolvimento do sujeito estudado. Levanta-se, de forma rápida, como o portador de necessidades especiais e, em especial, o surdo, foi visto pela sociedade no decorrer da história. A linguagem do mundo virtual e dos próprios surdos também é destacada no decorrer deste projeto. Sendo que, tudo isso foi levantado tendo sempre como pano de fundo a busca da efetiva inclusão social deste sujeito.

surdo.internet.inclusão

1 INTRODUÇÃO

Com o intento de projetar e avaliar as conexões estabelecidas entre os indivíduos surdos e a Internet, inicia-se este projeto de forma quase que virtual.

Pela fraca abordagem desse assunto em literaturas nacionais, as constatações realizadas aqui devem todo mérito à rede tecida por fios da comunicação social, informática e educação.

Como nenhuma técnica possui uma significação estável, mas apenas o sentido que lhe é dado sucessiva e simultaneamente por múltiplas coalizões sociais, a ascensão de qualquer projeto técnico dependerá do seu grau de contato com seu usuário. Assim, a Internet tem sido estabelecida e popularizada mediante o desenvolvimento de interfaces mais fáceis de serem manipuladas por internautas não especializados.

Dessa forma, através das tecnologias assistivas, essa grande rede virtual também cria caminhos e perspectivas de interação àqueles que são portadores de necessidades especiais.

Dentro desse contexto, num ambiente físico que o priva de participar de parte das experiências cotidianas, o mundo virtual vem auxiliar o surdo na extensão de seus horizontes.

Portanto, a Internet é colocada como um componente importante ao desenvolvimento das práticas expressivas do surdo. Assim, esse estudo objetiva avaliar as relações estabelecidas entre esse sujeito e o novo mundo inaugurado a todos: o Ciberespaço.

Salas de bate-papo, correio eletrônico, educação interativa, fonte de pesquisas diversas e tudo mais que a humanidade for capaz de usufruir do universo virtual. Eis aí a enumeração dos serviços mais popularizados e disponibilizados pela maior rede de computadores estabelecida até agora.

A princípio, tratava-se de uma pequena conexão de um projeto militar. Quando passou a ser utilizada pelos meios acadêmico-científicos, sofreu uma grande extensão e, por fim, a Internet vai se firmando como um importante meio de comunicação.

Como tal, vem sendo pioneira na abertura de espaços e condições ao seu uso pelos indivíduos portadores de necessidades especiais. Através das tecnologias assistivas, os arquitetos virtuais criam desde computadores que falam – para estender sua utilização aos cegos – até teclados especiais aos portadores de deficiências motoras. Dessa forma, há a projeção de novas expectativas à formação intelectual e pessoal desses indivíduos.

Assim, sendo este também o veículo mais adaptável ao surdo, opta-se por estudar o contexto desse receptor nesse canal comunicativo. Acredita-se, com isso, que a Internet é uma amostra apta à análise do contato do surdo com a mídia contemporânea.

Outro aspecto relevante desse tema para a comunicação é que – sendo o domínio dos mecanismos de leitura e escrita inteligíveis indispensável à construção e compreensão de textos no continente virtual – a Internet proporciona ao surdo condições de estabelecer um contato direto e agradável com a língua oficial de seu país. Fato este que dará ao sujeito estudado que já possui o domínio da língua de sinais (denominada língua materna ou natural) a oportunidade de estabelecer-se na sociedade como um indivíduo bilingüe.

Sendo assim, estabelecendo esse sujeito como um indivíduo que possui marcas pessoais, despertar na comunicação social uma nova consciência em relação à surdez é o intento mais relevante desse projeto.

Portanto, toda avaliação dada às aptidões do surdo partirá do pressuposto de que tal indivíduo só torna-se socialmente deficiente quando lhe é negada a língua, a cultura e os direitos. Com isso, o ciberespaço foi eleito como um lugar propício para a proclamação de que ser diferente não implicará na perda da sua característica de ser.

Na cultura dos surdos, aquele que escuta é chamado de ouvinte. Dessa forma, que este passe a ouvir de fato o clamor que o surdo vem realizando através dos séculos, em busca de um lugar, um só lugar, onde ele possa ser o que é, sem precisar ter que se esquivar da condição de surdo. O que o surdo passou durante esta trajetória é analisado no segundo capítulo deste trabalho.

No terceiro capítulo, observa-se que o ciberespaço tornou-se, de alguma forma, este lugar aguardado e procurado pela tribo dos surdos.

Já no quarto capítulo, busca-se levantar alguns dados que possam colaborar com uma melhor compreensão da formação da linguagem virtual, a Língua Brasileira de Sinais e do estilo lingüístico usado pelo surdo.

O quinto capítulo revela alguns caminhos e projetos que auxiliarão o surdo nessa busca, ainda contínua, por um lugar na sociedade e por sua identidade própria, diante da hegemonia cultural do ouvinte.

Para a concretização deste projeto foram realizadas entrevistas com sete surdos da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais: Carlos Basílio, Franciane Alves, Isabel Cristina de Carvalho, Rafael Aleixo Pinto, Valéria Caldas Giovannini e Wiara Peixoto, através de aplicação de questionários, que foram anexados ao final do trabalho. Os detalhes sobre cada entrevista são levantados durante o sexto capítulo.

A base maior do trabalho deu-se pela consulta a arquivos da internet, revistas especializadas em surdez e pela análise de bibliografias do campo da comunicação, educação e informática.

2 DIFERENÇA VERSUS INFERIORIDADE

“É um mundo para homens”. Essa frase reflete uma visão da cultura atual, na qual a criança, o aleijado, a mulher e a pessoa de cor representam as vítimas da injustiça social. Neste contexto, a cultura passa a distribuir papéis em lugar de empregos. Assim, “o anão, o deformado e a criança criam seus próprios espaços”. (MCLUHAN, 1964, p.32).

No decorrer da história, observam-se algumas nuances, mas uma hegemonia ainda muito forte deste discurso.

Segundo Aranha (2000), em Roma e na Grécia Antigas, praticamente não existiam dados objetivos que registrassem a relação da sociedade com a deficiência na vida cotidiana daquela época. O que se observa é que a organização sócio política fundamentava-se no poder absoluto de uma minoria, que excluía os demais das instâncias decisivas e administrativas da vida em sociedade.

Havia dois grupos sociais: a nobreza, representada pelos senhores que detinham o poder social, político e econômico e o populacho, considerados subumanos, que dependiam economicamente dos nobres.

Nesse contexto, surdos, cegos, deficientes mentais, deficientes físicos, órfãos, doentes idosos e qualquer pessoa com uma limitação funcional e necessidades diferenciadas eram exterminadas por meio do abandono, sem que isso representasse um problema de natureza ética ou moral.

Quando a Bíblia cita o cego, mango ou leproso, relata que a maioria deles era pedinte ou rejeitada pela comunidade. Isso ocorria pelo medo da doença ou porque acreditavam que tais pessoas eram amaldiçoadas pelos deuses.

A literatura antiga registra que "a única ocupação encontrada para os retardados mentais é a de bobo ou de palhaço, para a diversão dos senhores e de seus hóspedes". (KANNER, 1964, p.5 *apud* ARANHA, 2000, p.7).

Na Idade Média, embora a economia do mundo ocidental fosse basicamente a mesma vivida pela Antiguidade, uma significativa mudança na organização sócio política ocorreu. Com o advento do cristianismo, constitui-se a Igreja Católica, que traz ao cenário político um novo segmento: o clero. Este assumiu de forma crescente o poder social, político e econômico. Conquistou o domínio das ações da nobreza e passou a comandar a sociedade.

O trabalho continuava sendo exclusividade do povo e, agora, pessoas doentes, defeituosas ou mentalmente afetadas, em função das idéias cristãs, não mais podiam ser exterminadas, já que também eram criaturas de Deus. Assim, eram abandonadas à própria sorte, e viviam dependentes da boa vontade e caridades humanas. Alguns destes continuavam sendo fontes de diversão, bobos da corte e material de exposição.

No século XIII, o poder político e econômico da Igreja passou a correr riscos. Para proteger-se de insatisfações, a Igreja iniciou um período de perseguição, caça e extermínio de seus dissidentes, sob o argumento de que eram hereges e endemoninhados.

A indignação diante de tal processo culminou na Reforma Protestante, iniciada por Martinho Lutero, que criou uma nova igreja, caracterizada por padrões opostos aos que eram considerados práticas comuns pela Igreja Católica.

A deficiência passa a ser vista como consequência de pecados, seria um castigo divino. Surge aí sua concepção mística. Nessa época, a inteligência e a deficiência começam a ser vistas como atributos dados ao ser humano por uma divindade superior. O meio biológico e físico não influenciariam na existência da doença e sim o divino, somente.

A partir do século XVI, com a Revolução Burguesa, as monarquias e a hegemonia religiosa são derrubadas. Surge o capitalismo mercantil com uma nova divisão social do

trabalho, na qual os donos dos meios de produção e os operários passaram a viver com a venda de sua força de trabalho.

Nessa época, a deficiência já é vista pela sua natureza orgânica, como um produto de causas naturais. Assim, começa a ser tratada por meio da alquimia, da magia e da astrologia, métodos da, até então, iniciante medicina.

Os avanços produzidos na área médica, durante o século XVII, fortaleceram a tese da organicidade, na qual se defende que a deficiência é causada por fatores naturais e não espirituais.

Neste percurso, o primeiro paradigma a caracterizar a relação da sociedade com as pessoas portadoras de necessidades especiais foi o chamado paradigma da institucionalização. Conventos, asilos e hospitais psiquiátricos surgiram.

Este paradigma permaneceu único por mais de quinhentos anos. Sendo encontrado até hoje, ele caracteriza-se, desde o início, pela retirada das pessoas com deficiência de suas comunidades de origem e pela manutenção delas em instituições residenciais segregadas ou escolas especiais.

No século XX, por volta de 1960, o paradigma da institucionalização passa a ser criticamente examinado. O livro *Asylums*⁵, publicado por *Erving Goffman* em 1962, define Instituição como “um lugar de residência e de trabalho, onde um grande número de pessoas, excluído da sociedade mais ampla, por um longo período de tempo, leva junto uma vida enclausurada e formalmente administrada”. (GOFFMAN, 1962, p. 13 *apud* ARANHA, 2000, p. 12).

Além de *Goffman*, muitos autores publicaram artigos com duras críticas a esse paradigma e sistema, baseando-se em dados que revelam sua inadequação e ineficiência para realizar o que se propõe a fazer: favorecer a preparação ou a recuperação das pessoas com necessidades educacionais especiais para a vida em sociedade.

A pressão contrária à Institucionalização provinha de diferentes direções. Uma delas, da preocupação do sistema com o custo elevado dessas instituições, que abrigavam uma população improdutiva. Dessa forma, o discurso da autonomia e produtividade tornava-se interessante para a administração pública dos países que já buscavam um sistema que atendesse o deficiente. Além disso, a década de sessenta foi marcada por um intenso processo de reflexão e crítica sobre os direitos humanos e, mais especificamente, sobre os direitos das minorias.

O capitalismo, que já havia passado de mercantil para comercial e, caminhava para o financeiro, também contribuiu para com o processo de rejeição ao paradigma da institucionalização; já que se almejava aumentar a produção e reduzir o custo e o ônus populacional. Assim, pretendia-se formar uma sociedade com o máximo de membros ativos possível. Os custos sociais deviam ser reduzidos rapidamente, com a diminuição de gastos públicos e aumento da margem de lucro. Isso tudo contribuiu para a reformulação de idéias e com a busca de novas práticas no trato da deficiência.

Normalização e desinstitucionalização foram os dois novos conceitos encontrados no debate social. Reconhecia-se o fracasso da institucionalização na restauração do funcionamento normal do indivíduo em suas relações interpessoais, sociais e produtivas. Assim, no mundo ocidental, inicia-se um movimento pela desinstitucionalização. Este, baseado na ideologia da normalização, na qual se defendia a necessidade de introduzir a pessoa com necessidades especiais na sociedade, procura ajudar tais pessoas a adquirir condições e padrões da vida cotidiana, no nível mais próximo possível do normal.

Com o afastamento do paradigma da institucionalização, adotam-se as idéias de normalização, através das quais se cria o conceito de integração. Segundo este conceito, a pessoa com necessidades especiais só poderia ser inserida ao convívio social na medida em que fosse se assemelhando aos demais cidadãos. Assim, embora a comunidade tivesse que se

reorganizar para oferecer ao portador de necessidades especiais meios viáveis às mudanças que o tornariam o mais “normal” possível, o alvo principal dessa transformação era o sujeito.

Este novo modelo de atenção à pessoa foi chamado paradigma de serviços, o qual se caracterizava, geralmente, pela oferta de serviços em três etapas: avaliação e identificação do que precisaria ser modificado para tornar o portador de necessidades especiais o mais normal possível; intervenção, através de um atendimento formal e norteado pelo resultado obtido na primeira fase e, como última etapa, encaminhava-se o sujeito estudado para a vida na comunidade.

Desde o início, este paradigma foi efetivado em escolas especiais, entidades assistenciais e nos centros de reabilitação. No entanto, o paradigma de serviços, iniciado por volta da década de sessenta, logo enfrentou críticas provenientes da academia científica e dos próprios portadores de necessidades especiais, já organizados em associações e outros órgãos de representação.

Os críticos acreditavam que, na realidade, as diferenças não se apagam, mas sim, são administradas na convivência social. A expectativa de que o deficiente se assemelhasse ao não deficiente também era criticada, já que tal processo ocorria como se fosse possível ao homem o ser igual, e como se ser diferente fosse razão para decretar sua menor valia, enquanto ser humano e ser social.

Neste contexto, o debate de idéias acerca da relação da sociedade com a deficiência intensifica-se. Em função disso, a idéia de normalização começa a perder força. Amplia-se o debate em defesa do direito da pessoa com necessidades especiais de ser um cidadão como qualquer outro, detentor das mesmas oportunidades disponíveis na sociedade, independente do tipo de deficiência e do grau de comprometimento que apresentem.

Um outro paradigma estabelecido no âmbito da deficiência é o paradigma de suporte, no qual se busca proporcionar ao portador de necessidades especiais os mesmos

direitos dos demais cidadãos. Almeja-se estabelecer suportes para que o sujeito, até então excluído, conviva sem segregações e acesse imediatamente os recursos disponíveis na sociedade. Este processo passou a ser denominado inclusão social.

A inclusão social é vista como um processo bi-direcional, no qual se busca a participação do portador de necessidades especiais e da sociedade. Este conceito envolve o mesmo pressuposto da integração. Ambos apóiam o direito da pessoa com necessidades especiais à igualdade de acesso ao espaço comum da vida em sociedade.

No entanto, diferem-se no que diz respeito à normalização, defendida pela integração, na qual se devem promover mudanças no sujeito principalmente.

O paradigma de suportes busca intervir decisivamente em ambos os lados: no processo de desenvolvimento do sujeito e no processo de reajuste da realidade. Ainda que preveja o trabalho direto com o sujeito, adota como objetivo primordial intervir nas diferentes instâncias sociais, para ajustá-las física, material, social, legal e humanamente ao recebimento do portador de necessidades especiais como ao de qualquer pessoa.

Várias vezes, o portador de necessidades especiais é citado em nossa história, embora não como tema central. “No Brasil, assim como na Europa, a pessoa com deficiência foi, por vários séculos, colocada na categoria mais ampla dos miseráveis”, segundo Silva (SILVA, 1987, p, 273 *apud* ARANHA, 2000, p.21). Os mais ricos passaram o resto de seus dias atrás dos portões e das cercas vivas das suas mansões; ou escondidos, voluntaria ou involuntariamente, em suas casas de campo ou fazendas. Na vida social ou política, não significaram nada, afirma o autor.

Os mais pobres, no entanto, ficavam a mercê dos improvisadores, curandeiros, barbeiros (que, até então, atuavam como cirurgiões) e quem mais se habilitasse a ajudar.

Utilizando outras terminologias, Marques (2001) identifica os paradigmas da institucionalização, de serviços e de suportes como sendo três formações ideológicas distintas, com suas respectivas construções discursivas:

1) Primeiro, pode-se encontrar o paradigma da exclusão, no qual se entende a deficiência como anormalidade, o que coloca seus portadores na condição de desviantes, incapazes e doentes. Discurso este correspondente ao paradigma da institucionalização;

2) O segundo, equivalente ao paradigma de serviços, é caracterizado pelo atrito entre o domínio discursivo da exclusão e o formado pela voz dos próprios portadores de necessidades especiais ou das pessoas envolvidas na luta pelo reconhecimento da diferença como condição existencial possível. Este paradigma é denominado por Marques (2001) como sendo o da integração;

3) A terceira formação ideológica é a observada no discurso da inclusão, no qual se busca melhorar as condições de vida de todas as pessoas, deficientes ou não, tendo a ciência e a tecnologia como instrumentos facilitadores do acesso a todos aos recursos disponíveis. Esta formação é chamada por Aranha (2000) de paradigma de suportes.

2.1 O CLAMOR DO SILÊNCIO NO DECORRER DA HISTÓRIA

Quanto aos surdos especificamente, a partir do final da Idade Média, dados relacionados à sua educação e vida tornam-se mais disponíveis. Nesta época, surgem os primeiros trabalhos que visavam educar a criança surda e integrá-la na sociedade.

No século XVI, sobretudo na Espanha, França, Inglaterra e na Alemanha, surgem os primeiros educadores de surdos de que se tem notícia. Envolvidos neste processo, podem-se citar os nomes de Rudolphus Agricola, Girolamo Cardano, Pedro Ponce de Leon, Juan Pablo Bonet e Adde Charles de l'Epee. (SURDO..., 2006).

Várias escolas para surdos foram fundadas e a educação deste sujeito evoluiu qualitativamente, no século XVIII. Este período foi considerado por muitos como o mais próspero da educação dos surdos, já que, através da língua de sinais, estes puderam aprender e dominar diversos assuntos, e exercer diversas profissões. Sacks (1989, p.37) relata que:

Esse período que agora parece uma espécie de época áurea na história dos surdos testemunhou a rápida criação de escolas para surdos em todo o mundo civilizado; a saída dos surdos da negligência e da obscuridade; sua emancipação e cidadania; a rápida conquista de posições de eminência e responsabilidade - escritores, engenheiros, filósofos e intelectuais surdos, antes inimagináveis, tornaram-se subitamente possíveis.

No entanto, no início do século XX, a maior parte das escolas de surdos, em todo o mundo, abandona o uso da língua de sinais, como consequência do Congresso de Milão de 1880. Neste Congresso, independente do que pensavam os surdos, estabeleceu-se que a melhor forma de educação deste sujeito seria unicamente a baseada no oralismo.

O oralismo, ou filosofia oralista, usa a integração da criança surda à comunidade de ouvintes, dando-lhe condições de desenvolver a língua oral (no caso do Brasil, o Português). O oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada através da estimulação auditiva. (GOLDFELD, 1997, p. 30-31).

Buscava-se padronizar o surdo, para que ele pudesse viver em sociedade. Ele deveria conseguir ouvir, com o uso do aparelho, da leitura labial e falar, através de exaustivos exercícios e, em último caso, através da comunicação escrita.

A partir do Congresso de Milão, a oralização passa a ser o objetivo principal da educação das crianças surdas. Por isso, disciplinas como História, Geografia e Matemática foram negligenciadas e, conseqüentemente, há uma queda no nível de escolarização do surdo.

A filosofia oralista domina o mundo até a década de sessenta, quando Willian Stokoe publica o artigo “*Sign Language Structure: An Outline of the Usual Communication System of the American Deaf*”, demonstrando que a *American Sign Language* (ASL) – Língua de Sinais usada pelos surdos americanos – é uma língua com todas as características das línguas orais. (SURDO..., 2006).

Surgem novas pesquisas sobre as línguas de sinais a partir daí. Isso, aliado à insatisfação por parte de educadores em relação ao oralismo, faz com que os sinais e os códigos manuais retornem para a sala de aula dos surdos.

Em 1968 Roy Holcon inicia o método de comunicação total, o qual Goldfeld (1997, p.35) relata que:

[...] tem como principal preocupação os processos comunicativos entre surdos e surdos, e entre surdos e ouvintes. Essa filosofia também se preocupa com a aprendizagem da língua oral pela criança surda, mas acredita que os aspectos cognitivos, emocionais e sociais, não devem ser deixados de lado em prol do aprendizado exclusivo da língua oral. Por esse motivo, esta filosofia defende a utilização de recursos espaço-visuais como facilitadores da comunicação.

A partir da década de oitenta, a filosofia do bilingüismo começa a ganhar força. Segundo ela, o surdo deve adquirir primeiro a língua de sinais, como língua materna. Somente depois, como segunda língua, deveria aprender a língua oficial de seu país, mas, preponderantemente, na forma escrita.

O bilingüismo estabelece a surdez como diferença lingüística, não como uma deficiência que deve ser normatizada através da reabilitação (oralismo). Dentro disso, o surdo passa a ser visto como alguém com identidade e características próprias e distintas das do ouvinte.

2.2 A TRIBO DOS SURDOS NO BRASIL

Já no Brasil, uma das primeiras informações referentes à surdez diz respeito à chegada do professor surdo francês Hernest, em 1855. Este, convidado pelo imperador D. Pedro II, vem ao país para iniciar um trabalho de educação com duas crianças surdas, que tinham bolsas de estudo financiadas pelo governo.

Em 1857, funda-se o Instituto Nacional de Surdos-Mudos – atual Instituto Nacional de Educação do Surdo (INES), onde se utilizava a língua de sinais. Porém, seguindo a determinação do Congresso de Milão (1880), em 1911, o INES estabelece o oralismo como método de educação dos surdos.

No final da década de setenta, a filosofia da Comunicação Total chega ao Brasil. Na década seguinte, a partir das pesquisas da professora de Lingüística Lucinda Ferreira Brito, sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), o Bilingüismo começa a ganhar força no país.

Diferente de diversos países desenvolvidos, raros são os programas de televisão brasileiros que são apresentados com o acompanhamento de interpretação em Libras ou uso de legendas. Não existem também intérpretes em locais públicos, como hospitais, repartições, delegacias, fóruns, etc.

3 A TRIBO DOS SURDOS NO CIBERESPAÇO

De acordo com o site (SURDO..., 2006), hoje os surdos têm basicamente duas necessidades: serem aceitos como pessoas com diferença lingüística, e não com deficiência e conseguirem ser inscritos na sociedade, passando a participar dela como um cidadão normal e independente do ouvinte.

Os produtores deste site, baseados em uma entrevista realizada com duas surdas, estabeleceram relações entre a vida do surdo e as potencialidades da internet. Neste estudo, concluíram que a dinâmica tão normatizadora do mercado de trabalho constrói para o surdo um ambiente de hostilidade e rejeição. Neste contexto, propõem que a alteração desta estrutura passe por suportes culturais. Estes, não limitados à elaboração textual de leis, devem levar a sociedade a encarar e aceitar com naturalidade o fato de que todos são diferentes e têm suas próprias especificidades, que não os fazem menos humanos, nem menos dignos do que ninguém.

Assim, na busca pela igualdade que não repara e não julga, os autores avaliam a internet como um local de profunda equidade entre todos os seus membros. Isso pode ser observado nas salas de bate-papos virtuais, onde há uma diversidade de pessoas e informações que podem ser encontradas na rede, sem que haja qualquer tipo de preconceito ou discriminação.

Ao surdo, isto é inserção: uma oportunidade de ser surdo, sem a problemática da discriminação e exclusão de um mundo sonoro. De acordo com o site (SURDO..., 2006), no Segundo Encontro Nacional de Surdos que se conheceram na internet, o participante Luis Maurício Rigato Vasconcellos afirmou que: “a internet, para os surdos, iguala todas as pessoas: pobres, ricos, surdos, ouvintes, brasileiros ou estrangeiros”. Além do potencial para promover trocas e igualdade entre todos, a internet é um grande armazém de dados e informações que podem ser acessados para consultas e estudos extra curriculares de surdos e

ouvintes. Esta vocação da rede www confere a ela o título de biblioteca online. Segundo Regiane (SURDO..., 2006) uma das surdas entrevistadas pelo grupo: “nós podemos fazer pesquisa pela internet, e isso é ótimo”.

Assim, o mundo virtual serve muitas vezes de suporte ao surdo incluído nas salas de aula do mundo real. Isso porque eles não conseguem acompanhar as aulas muito faladas, como as de História, Filosofia. Luiza Ferreira Pinto, surda desde um ano de idade, e estudante de pedagogia, afirmou: “Eu não consigo captar noventa por cento da fala dos professores, por isso, leio muito e procuro entender o conteúdo das aulas nos livros e apostilas indicados.” (SURDO..., 2006). Por conta disso, a internet torna-se uma fonte de apoio que potencializa a democratização dos saberes, provendo material escrito (visual), que pode ser lido, analisado e compreendido pelo surdo.

Além de prover bem materiais com conteúdo didáticos e importantes para o desenvolvimento acadêmico dos surdos e navegadores em geral, a rede www, segundo dados do site, é um excelente provedor de informações do dia-a-dia. Isso porque a maior parte dos jornais diários do país possui sites, com divulgações completas das matérias publicadas. Estas matérias, encontradas na forma escrita, estão na maior parte das vezes atualizadas. Assim, substituem, com grandes vantagens para o surdo, o rádio e a televisão dos ouvintes.

No entanto, como não há nenhum controle sobre as páginas que são construídas e disponibilizadas na rede, deve-se ter cuidado quanto à confiabilidade das notícias. Dessa forma, a internet conecta surdos e ouvintes a um mundo extenso de informações e conteúdos; mas, para que essa conexão seja segura, exige de seus navegadores senso crítico.

Outra característica da internet que auxilia na inserção do surdo são os recursos visuais da *web*, como animação de imagens e sinais gráficos. Estes são facilmente compreendidos pelo surdo, já que sua própria língua natural, a língua de sinais, é uma língua espaço-visual. Patrícia, quando questionada sobre a forma pela qual aprendeu a usar o

computador, respondeu: “Ele próprio me ensina, é muito fácil”. (SURDO..., 2006). Apesar dessa vantagem, nem sempre as interfaces (tela e todas as características gráficas do computador) são compreendidas com facilidade, tanto por surdos, quanto por ouvintes. Alguns ícones são relacionados diretamente a sua função, como exemplo, o ícone da impressora, que dá início ao processo de impressão. No entanto, quando se quer salvar um arquivo, as instruções, normalmente, são escritas e com jargões da área.

Pensando nisso, existem algumas tentativas de desenvolvimento de uma interface própria para os surdos. Nesta nova interface, as informações não seriam escritas em Português, mas em Língua de Sinais escrita. A essa modalidade escrita da língua dá-se o nome de sign writing (Anexo1). Dentro do contexto dos próprios surdos, ainda não se sabe ao certo o que isso seria de fato. Para alguns deles, a escrita em sinais seria universal, de forma que surdos do mundo inteiro a compreenderiam. No entanto, esta modalidade escrita é um universo de símbolos e convenções pelo qual os gestos usados por surdos para sinalizar alguma palavra são expressos em forma de desenhos.

Estes símbolos são bastante flexíveis e indicam o ponto de articulação do sinal, o tipo de movimento da mão, a expressão facial e corporal. Representam, portanto, os movimentos e expressões realizados pela pessoa, mas um sinal não é necessariamente igual em todas as partes do mundo, nem mesmo em um país. Estes símbolos gráficos estariam para a língua de sinais assim como as letras estão para as línguas faladas.

Apesar de ainda não terem um entendimento totalmente correto sobre o que seria a escrita em sinais, o simples interesse em conhecer, aprender e utilizar esta modalidade da sua própria língua revela uma mobilização por parte dos surdos a caminho da luta pelos seus direitos. Neste contexto, eles buscam entender melhor a multiplicidade de material escrito disponibilizado em rede que, mesmo para os surdos bem escolarizados, nem sempre é de fácil compreensão. Patrícia acredita que a língua de sinais escrita auxiliaria neste processo, já que:

“a gente poderia selecionar o material e utilizar os tradutores on-line para traduzir da língua oral escrita para a língua de sinais escrita”. (SURDO..., 2006). No entanto, mesmo que seja potencialmente útil para os surdos, um tradutor on-line não é tão bom como seria um intérprete. O problema está no fato de que em qualquer língua existem expressões idiomáticas (seqüências de palavras ou sinais) que não podem ser entendidas como uma simples justaposição. Da mesma forma que o contexto confere significados diferentes a um mesmo significante, estas expressões podem ser erroneamente interpretadas quando traduzidas por máquinas.

3.1 VAMOS NOS CONHECER?

Além de tudo o que já foi analisado, a internet também funciona como um instrumento desmistificador da pessoa surda para a ouvinte.

Um exemplo de um trabalho sobre surdez desenvolvido na web que ajuda neste processo é o site Librasweb (MARCATO, 2006), que é resultado de uma tese de mestrado realizada no Instituto de Computação da Unicamp. Neste site, professores ouvintes de alunos surdos, que não têm experiência com esta realidade, conseguem auxílio para a construção de algumas frases básicas importantes na comunicação com pessoas surdas.

Diante desses avanços, a webcam também auxilia e muito o contato entre os próprios surdos via internet ou mesmo o contato do surdo com ouvintes que saibam a língua de sinais. Um dos surdos participantes da pesquisa deste trabalho, Rafael Aleixo Pinto, afirma que: “surdos possuidores de micro câmera em seus computadores conversam através da língua de sinais, com tranquilidade, pois, com o avanço tecnológico, os sinais realizados pela mão já podem ser vistos claramente pela webcam”.

3.2 POTENCIALIDADES DESTE NOVO MUNDO

3.2.1 Ensino a Distância (EAD)

No âmbito dos avanços tecnológicos, muito já foi feito também explorando-se o potencial da internet como auxiliadora do desenvolvimento psicossocial, educacional e pessoal do surdo.

Uma dessas potencialidades é a educação auxiliada pelo computador e educação virtual. Isso já é uma realidade, desde a década de 1960, quando se passou a usar o computador como suporte no processo ensino-aprendizagem.

Atualmente, o Ensino à Distância (EAD) tem sido um outro exemplo do uso do computador neste processo de ensino-aprendizagem. Curiosamente, esta modalidade de ensino teve sua origem no século XIX, quando era realizada através de cartas. No século XX, esta forma de ensino foi gradualmente incrementada, incorporando os avanços tecnológicos, começando com o rádio, depois a televisão e, agora, o uso do computador e da internet.

3.2.2 Internet2

De acordo com a Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP) (2006), a Internet2 é uma iniciativa norte-americana, voltada para o desenvolvimento de tecnologias e aplicações avançadas de redes internet para as comunidades acadêmicas e de pesquisa.

O projeto, que envolve mais de duzentas universidades norte-americanas, agências do governo e indústrias, visa o desenvolvimento de novas aplicações na área da telemedicina, bibliotecas digitais, laboratórios virtuais, entre outras que ainda não são totalmente viáveis com a tecnologia internet atual.

Além de desenvolver pesquisas exclusivamente voltadas à área acadêmica, o projeto pretende transferir para o setor comercial as tecnologias desenvolvidas e testadas no decorrer do projeto.

Através do Ministério da Ciência e Tecnologia e da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP, 2006), o Brasil vem acompanhando de perto o desenvolvimento da Internet2, tendo participado de vários encontros. A participação formal do país e de suas instituições foi incluída no acordo de cooperação em tecnologias para a educação, assinado em outubro de 1997, por ocasião da visita do presidente Clinton ao Brasil.

Em março de 2000, a RNP e a University Corporation for Advanced Internet Development (Ucaid) assinaram o Memorandum of Understanding (MoU), que coloca o Brasil definitivamente como parceiro do projeto norte-americano. (RNP, 2006).

A primeira conexão da RNP à Internet2 ocorreu em 2001, através do projeto Américas Path (Ampath). Em 2004, a comunicação com o projeto norte-americano passou a ser feita via Rede Clara (Cooperação Latino-Americana de Redes Avançadas).

4 LINGUAGEM

4.1 HISTÓRIA DA LÍNGUA DE SINAIS

Segundo Reily e Reily [19--], a língua de sinais, utilizada pelos surdos, surgiu nos mosteiros.

Durante o primeiro milênio e início do segundo, diversas reformas monásticas ocorreram, sendo que as duas mais importantes foram a de Cluny, um famoso mosteiro da França, iniciada em 910 e a Cisterciã, iniciada em 1098. Ambas as reformas são ligadas à linha do monasticismo beneditino.

Os mosteiros eram espaços de oração, reflexão, silêncio, paz e penitência. Em especial, nos da ordem beneditina, os noviços realizavam três votos primordiais: pobreza, castidade e obediência. Além disso, alguns destes lugares instituíram o voto do silêncio como prática cotidiana. O silêncio no período monástico, segundo regras estabelecidas por São Basílio Magno no século IV d.C., era determinado aos noviços com o objetivo de levá-los a desvestirem-se dos costumes anteriores, purificando-se no silêncio, para aprenderem uma nova maneira de viver. Entendia-se que o contato com o mundano contaminava a alma. Assim, o silêncio tinha a função de apagar as lembranças da vida regressa:

É bom para os noviços a prática do silêncio. Se dominam a língua, darão simultaneamente boa prova de temperança. Com o silêncio, aprenderão juntos aos que sabem usar da palavra, com concisão e firmeza, como convém perguntar e responder a cada um. Há um tom de voz, uma palavra comedida, um tempo oportuno, uma propriedade no falar, peculiares e adequados aos que praticam a piedade. Não os aprende quem não tiver abandonado aquilo a que estiver acostumado. O silêncio traz consigo o esquecimento da vida anterior, em consequência da interrupção, e proporciona lazer para o aprendizado do bem...Assim, a não ser por questão especial atinente ao bem da própria alma, ou por inevitável necessidade de um trabalho em mãos, guarde-se o silêncio, excetuada é claro, a salmodia (SÃO BASÍLIO MAGNO, 1983, p.7 *apud* REILY; REILY, 19--, p.06).

Os mosteiros que seguiam a regra de São Bento também aderiram ao voto do silêncio. Pelo texto da regra, sugeria-se que o silêncio fosse exercitado durante as atividades

práticas, mas não durante os cultos de louvor, que ocupavam boa parte do dia monástico. Além da meditação e oração, os mosteiros também eram espaços de trabalho. Assim, durante o desempenho de suas tarefas, no qual não podiam falar, surgiu uma comunicação silenciosa entre os monges, inaugurando aí a linguagem de sinais manuais.

Essas linguagens sinalizadas foram incorporadas oficialmente nas práticas monásticas e buscava-se formas de transmissão dos sinais, intra e inter ordens monásticas por meio de registros instrucionais. Não se sabe o quanto o voto do silêncio era respeitado de fato nos vários mosteiros; também não se tem registro sobre a prática da comunicação com as mãos, com exceção de algumas listagens de sinais produzidas nestes lugares, tal como a *Monasteriales Indicia* (Anexo2) - nome em inglês arcaico dado a um dos mais antigos documentos preservados (provavelmente copiado em 910 e 1000 d.C.), desenvolvido pela linha beneditina.

Neste registro, existem 127 sinais descritos verbalmente, sendo que uma edição inclui como exemplos cinco desenhos baseados nas ilustrações medievais que compunham o texto, o que facilita a interpretação do gesto pretendido. Os termos estão numa seqüência, considerando contexto e categoria, da seguinte maneira: por exemplo, para designar o mestre que cuida das crianças, deveria colocar-se os dois dedos perto dos olhos e erguer-se o dedo mínimo; já o sinal para leigo era realizado pegando-se no queixo com toda a mão, como se estivesse pegando na barba; missa e objetos de uso religioso, por exemplo, cruz: quando se referir a uma cruz grande, coloque o dedo sobre o dedo direito e erga o polegar.

Os termos estão numa seqüência, considerando-se o contexto e a categoria:

Ao todo nesta lista, constam apenas sete verbos, incluindo três relativos à participação nos momentos litúrgicos, três referentes a pedir e querer e um indicando lavar os cabelos. Não constam quaisquer adjetivos isoladamente, mas alguns qualificadores estão

embutidos em outros sinais: o sinal de pequeno era o dedo mínimo erguido e o sinal de grande era o polegar levantado.

O interessante é analisar a ordem em que os sinais foram escritos. Por exemplo, a explicação para o sinal de vara segue o sinal de regra, sugerindo que a não obediência à regra trazia conseqüências de castigo físico. E, depois de vara, vem flagelo.

De acordo com Reily e Reily [19--] Debby Banham indica que a *Monasteriales Indicia* é a listagem de sinais em inglês arcaico mais antiga. Ela teria sido traduzida do latim, provavelmente para facilitar a leitura de crianças ou ingressantes de mais idade não fluentes nesta língua. Existem ainda quatro listas de sinais posteriores, do período medieval, produzidas depois do período da invasão normândica (1066 d.C.). As listas continentais mais antigas são encontradas em livros de liturgia e costumes do mosteiro de Cluny, escritas por dois monges, Bernhard e Udalrich, em 1075 e 1083, respectivamente, e idênticas uma a outra. Outra lista do início do século XI, que contém maior quantidade de verbetes está no *Constitutiones* de William de Hirsau no sudoeste da Alemanha.

A *Monasteriales Indicia* não inclui nenhuma indicação sobre o alfabeto manual, o que não significa que a escrita manual não fosse praticada nos mosteiros. Existem diversas pistas em textos que abordam os primórdios da educação dos surdos que apontam a origem dos alfabetos manuais como invenção monástica, mas nenhum desses documentos é irrefutável.

As principais ocupações dos monges eram três: louvor comunitário a Deus, trabalho manual no campo e *lectio divina* (o estudo meditativo das Escrituras). Como todos os monges deveriam ler para realizar os ofícios divinos e estudar as escrituras, o mosteiro de Bento, assim como vários outros, tinha uma escola monástica composta por uma biblioteca. Isso fez com que os mosteiros se tornassem os principais centros de aprendizagem na Europa.

As ordens religiosas se abriram um pouco mais no período do Renascimento. Muitos religiosos passaram a realizar atividades fora dos muros do convento, como ocorreu com o abade Charles Michel de l'Épée.

Neste contexto, o monge beneditino Pedro Ponce de Leon (1520-1584) é considerado o primeiro professor de surdos, tendo estabelecido uma escola onde ensinava filhos surdos da nobreza espanhola, no mosteiro de Valladolid. Alguns textos sugerem que ele começou com a escrita, apontando os objetos correspondentes às palavras, treinando a fala em etapa posterior. Não se sabe se usou sinais, mas acredita-se que o alfabeto manual era um recurso instrucional utilizado.

Outro personagem importante na educação dos surdos é Juan Bonet, um soldado, o qual propõe que o treinamento do surdo deveria ser iniciado pela utilização do alfabeto manual. Bonet considerava que todas as pessoas que convivessem com a criança surda deveriam usar o alfabeto manual, desde cedo. Propunha também que o ensino da fala deveria surgir como consequência da utilização do alfabeto manual e da escrita. Este soldado tornou-se famoso na história da educação dos surdos por ter inovado a técnica de ensino do alfabeto: percebendo a dificuldade de ensinar os nomes das letras (Aleph para A, por exemplo), diminuiu o alfabeto para vinte e um sons, eliminando os nomes das letras e valorizando a representação sonora de cada elemento gráfico.

Bonet tornou a linguagem visível na forma do alfabeto digital, baseado num método de comunicação silenciosa. Esta arte utilizava-se de uma configuração manual distinta para representar cada letra do alfabeto, a qual permitia que o mestre e seu aluno surdo pudessem soletrar palavras um para o outro, realizando gestos no ar, sem o incômodo de giz, pedra ou pedaços de papel.

Analisando o *Monasteriales Indicia*, percebe-se a especificidade do léxico, voltado às práticas de uma comunidade religiosa. Acredita-se que, entre os monges, provavelmente, a

linguagem gestual, convencionalizada, mais parecia um código do que uma língua. Para cada sinal, haveria uma palavra equivalente. A base lingüística dos monges era a língua oral. Os sinais funcionavam como substitutos e complementos de sentidos subentendidos da oralidade.

Os surdos, no entanto, não colam cada sinal a uma palavra equivalente. E, dessa forma, a língua de sinais ganha *status* de língua, com uma gramática própria, relacionada à lógica dos movimentos e ao complemento da expressão facial e corporal que integram os sentidos. Surdos reunidos reinventavam o sistema, tantas vezes quanto fosse preciso. Em lugares e tempos distintos; adquiriram coordenação, agilidade e fluência na interação lingüística.

Não se sabe se os sinais monásticos foram aproveitados pelas comunidades de surdos. Mas existem registros de que no período monástico, os tolos e inocentes (loucos e deficientes mentais) que vagavam pelos feudos, encontravam abrigo por poucos dias nos mosteiros. Lá, eram alimentados, vestidos e depois mandados embora.

Acredita-se que surdos agrupavam-se nestes bandos e, assim, passaram a conhecer os sinais monásticos durante essas peregrinações. No entanto, não há provas concretas de que estes mesmos sinais foram inseridos no vocabulário dos surdos. O que se sabe é que o período de silêncio imposto nos mosteiros contribuiu com a idéia de que a conversa gestual é uma forma válida e eficaz de comunicação.

4.2 LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA (LIBRAS)

Agora é lei, desde fevereiro de 2006, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) está regulamentada no Brasil. (MORAES, 2006).

A Libras existe no país há vinte e seis anos. As primeiras pesquisas sobre ela só ganharam visibilidade a partir da década de sessenta, nos Estados Unidos. Mas estudos sobre

esta forma de linguagem existem desde o século dezessete, quando, na França, o monge L'Épée criou a primeira escola pública para surdos, precursora no uso da língua de sinais.

No Brasil, foi na década de oitenta que uma equipe de pesquisadores passou a se dedicar ao estudo dessa língua como forma de integração social dos surdos. Mas foi somente em 2001 que a Língua Brasileira de Sinais foi conhecida oficialmente como Libras. Segundo a professora Jurema Santos, a importância do uso da língua de sinais veio com o tempo:

Conforme as coisas evoluíram em outros países, um grupo de pesquisadores no Brasil, do qual eu também fazia parte, já lutava pelo estabelecimento dessa língua como forma de integração social dos surdos. Então, na verdade, existiu todo um processo de construção da importância dessa língua (MORAES, 2006)

De acordo com o intérprete da língua de sinais do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Luiz Eduardo Alves Ferreira (MORAES, 2006), a Libras explora uma capacidade nova nas pessoas. Para ele, a estrutura que consiste em sessenta e quatro configurações de mão mais o alfabeto manual – que facilita a inclusão de palavras do Português – faz com que os seus usuários ouvintes incorporem características dos próprios surdos. “Por ser totalmente visual, ou seja, por utilizar as mãos, expressões faciais e movimentos como o corpo, quem sabe falar essa língua adquire certas particularidades, antes exclusiva dos surdos”, afirma Luiz. (MORAES, 2006). Assim como a língua oral, a língua de sinais também não é igual no mundo todo. No Brasil, por exemplo, ela apresenta diferenças até de região para região, como os sotaques da língua falada.

A língua de sinais também sofre influência de acordo com o tempo e o espaço no qual ela se desenvolve. Os próprios surdos, em especial os mais jovens, criam sinais novos para representar algo que não é descrito no padrão da língua. “É como as gírias e isso é bom”, acredita a professora de literatura, Alice Simões, do INES, pois dessa forma a língua se renova. (MORAES, 2006).

Comunicar-se de forma livre e segura, através da língua de sinais, é algo fundamental para os surdos. Mas o aprendizado desta língua não está restrito a eles. O próprio

INES oferece curso de língua de sinais a qualquer pessoa interessada. De acordo com o diretor do Departamento de Desenvolvimento Humano, Científico e Tecnológico do INES, Alexandre Guedes, o curso de Libras funciona como um curso de língua comum. O aluno vai aprender a se comunicar na língua de sinais, conhecer o alfabeto, as palavras e a estrutura gramatical. “Vai saber ler esta língua, seja ele fonoaudiólogo ou não”, afirma Alexandre. (MORAES, 2006).

No caso dos surdos natos, aqueles que já nasceram com uma perda significativa da audição, é importante que a família também aprenda a língua dos sinais e se reúna com a finalidade de discutir seus problemas mais comuns, reivindicando uma educação de qualidade para seus filhos. O que, segundo o entrevistado (MORAES, 2006), não pode estar somente em escolas especiais, mas sim em toda a rede pública de ensino. “A estimulação da linguagem através da Libras, realizada pelos pais, é fundamental para o desenvolvimento lingüístico, afetivo, social e cognitivo do aluno”, analisa Alexandre. (MORAES, 2006).

Com a regulamentação da Lei de Libras, em fevereiro de 2006, o prazo para que o poder público efetive a Libras como elemento de formação de profissionais que atuam ou podem atuar na educação de surdos e o prazo para que a Libras seja incluída como disciplina curricular da educação básica fica definido em, no máximo, dez anos. Até lá, a língua deve ser totalmente inserida nos processos de ensino e aprendizagem de todos os alunos de todas as escolas públicas do país. (MORAES, 2006).

Trata-se, portanto, de uma inovação que objetiva aperfeiçoar e valorizar o profissional que há muito tempo vem lutando pelo reconhecimento de uma identidade lingüística e para que seja assegurado o acesso à educação, à cultura e às condições necessárias para o exercício da cidadania dos portadores de deficiência auditiva.

De acordo com o Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2000, existiam cerca de 5,7 milhões de pessoas surdas em

todo o Brasil. Além de abranger estes e muitos outros que se agregaram às estatísticas de lá para cá, essa nova lei certifica a proficiência da Libras, igualando-a a outras línguas já existentes. (MORAES, 2006).

4.3 A LINGUAGEM DO CIBERESPAÇO

Lévy (2000) avalia que quando lemos ou escutamos um texto, em primeiro lugar, o texto é perfurado, ocultado, permeado de brancos. Segundo ele, as palavras são pedaços de frases que não ouvimos e os fragmentos de texto não são ligados uns aos outros, são negligenciados. Assim, paradoxalmente, ler, escutar é, a princípio, negligenciar, optar por não ler ou desligar o texto.

Com isso, ao mesmo tempo em que se rasga o texto pela leitura, ele é ferido. Nós o recolocamos sobre ele mesmo. As passagens são relacionadas umas as outras. Os pedaços dispersos sobre a superfície das páginas ou na linearidade do discurso são costurados em conjunto. Dessa forma, ler um texto é reencontrar os gestos textuais que lhe deram seu nome.

As passagens do texto estabelecem virtualmente uma correspondência que é, bem ou mal, atualizada pelo leitor, seguindo-se ou não as instruções do autor. Considera-se o leitor o produtor do texto, quando este viaja de um lado a outro, apoiando-se no sistema de referência e de pontos que foram balizadas pelo autor. No entanto, pode-se desobedecer às instruções dadas pelo emissor da mensagem e tomar caminhos transversais, realizando-se nós de redes secretos, clandestinos, que trazem a tona outras geografias semânticas. Dessa forma, Lévy (2000) acredita que o trabalho da leitura é:

A partir de uma linearidade ou de uma superficialidade inicial, rasgar, ferir, entortar, redobrar o texto; para abrir um meio vivo onde possa desplugar-se o sentido. O espaço do sentido não preexiste à leitura. É percorrendo-a, cartografando-a que nós o fabricamos.

No entanto, enquanto o texto é redobrado sobre ele mesmo, há também a relação dele com outros textos, outros discursos, imagens, sentimentos e a toda imensa reserva flutuante de desejos e signos que constituem o leitor. Neste ponto, não é a unidade do texto que está em jogo, mas a construção do próprio leitor, que está sempre inacabada. Não é mais o sentido do texto que ocupa o receptor, mas a direção e a elaboração de seu pensamento, a precisão de sua imagem do mundo, o resultado de seus projetos, o despertar de seus prazeres, o fio de seus sonhos. Assim, o texto não é mais amarrotado, redobrado em rolo sobre ele mesmo, mas decupado, pulverizado, distribuído e avaliado segundo os critérios de uma subjetividade nascida de si mesma.

Do texto, nada mais resta. Graças a ele, os modelos de mundo são retocados pelo leitor. Ele talvez sirva apenas para colocar em ressonância algumas imagens, algumas palavras já conhecidas pelo receptor. Por vezes, seus fragmentos são relacionados, servindo de interface do leitor consigo mesmo. Segundo Lévy (2000), muito raramente a leitura reorganizará as emoções e as representações já existentes no leitor:

Escutar, olhar, ler voltam finalmente a se construir. Na abertura em direção ao esforço de significação que vem de outro, trabalhando, atravessando, amassando, decupando o texto, incorporando-o a nós, destruindo-o, nós contribuimos para erigir a paisagem de sentido que nos habita.

Alguns fragmentos do texto são relacionados aos conjuntos de signos que se movimentam no leitor. Estas relações que se transformam em ensinamentos, de acordo com Lévy (2000), não têm nada a ver com as intenções iniciais do autor nem com a unidade semântica viva do texto. No entanto, este processo contribui com a criação e recriação do mundo de significados que é o receptor.

Ainda que a palavra hipertexto não tenha sido mencionada, tudo o que foi dito até aqui não se tratou senão disto. As tecnologias intelectuais, quase sempre, exteriorizam e reificam uma função cognitiva, uma atividade mental. Assim, elas reorganizam a economia ou

a ecologia intelectual em seu conjunto, o que pode ser observado nas relações entre a escritura (tecnologia intelectual) e a memória (função cognitiva).

A chegada da escrita acelerou um processo de artificialização e de exteriorização da memória. Seu uso massivo acabou por conceber a lembrança como um registro. A semi-objetivação da memória no texto permitiu o desenvolvimento de uma tradição crítica. Com efeito, a escrita cruza uma distância entre o saber e seu sujeito. Assim, a escritura fez surgir um dispositivo de comunicação, no qual as mensagens são freqüentemente separadas, no tempo e no espaço, de sua fonte de emissão e então recebidas fora do contexto. No âmbito da leitura, dessa forma, foi preciso refinar as práticas interpretativas; enquanto que, no que se refere à redação, devemos imaginar sistemas de enunciados auto-suficientes, independentes do contexto.

Com a escrita, e mais ainda com o alfabeto e a impressão, as formas de conhecimento teóricas e hermenêuticas avançaram sobre os saberes narrativos e rituais das sociedades orais. A exigência de uma verdade universal, objetiva e crítica, não pôde se impor senão em uma ecologia cognitiva grandemente estruturada pela escrita.

O hipertexto, o hipermídia ou a multimídia interativa percorrem um processo já antigo de artificialização da leitura. Se ler consiste em selecionar, esquematizar, integrar as palavras e as imagens para uma memória pessoal em reconstrução permanente, então, os dispositivos hipertextuais constituem uma espécie de reificação, de exteriorização dos processos de leitura.

No entanto, apesar desta semelhança, há diferenças fundamentais entre o sistema de leitura estabelecido sobre as páginas de livros, jornais e o sistema construído nas relações digitais. Com a digitalização, não é mais o leitor que segue as instruções da leitura e desloca-se no texto. Agora, o texto é móvel, gira, torna e retorna à vontade diante do leitor.

Por outro lado, a escritura e a leitura mudam seus papéis. Aquele que participa na

estruturação do hipertexto, no traçado pontilhado das possíveis pregas do sentido, é o próprio leitor. Simetricamente, aquele que atualiza um percurso, contribuindo com a redação, depara-se, momentaneamente, com uma escrita interminável.

A partir do hipertexto, toda leitura é uma escritura potencial. Neste contexto, os dispositivos hipertextuais e as redes digitais desterritorializaram o texto. Estes dispositivos fizeram emergir um texto sem fronteiras próprias e sem interioridade definível. O texto, assim, é colocado em movimento e fica mais próximo do movimento do pensamento.

4.4 “EU VOCÊ AMOR” OU “EU AMO VOCÊ”

De acordo com Lévy (2000), os primeiros textos alfabéticos não separavam as palavras. Apenas muito lentamente foram sendo inventados os brancos entre os vocábulos, a pontuação, os parágrafos, as claras divisões em capítulos, os sumários das matérias, os índices, em suma, tudo o que facilita a leitura e consulta de documentos escritos. Estas tecnologias auxiliares, contribuindo para dobrar os texto, estruturá-lo, articulá-lo para além de sua linearidade, compõem o que poderia ser chamado de aparelho de leitura artificial.

Neste contexto, é interessante notar que, na escrita de alguns surdos, como exemplo, na conversa de Alisson Talim, algumas dessas estruturas são ignoradas. (Anexo3). Na maior parte do tempo, não se observa preposição na escrita da maioria dos surdos. A ordem frasal também não é a mesma do ouvinte (sujeito, verbo, predicado).

Além do uso diferenciado da escrita por parte de alguns surdos, um ponto de destaque observado na relação do surdo com a internet diz respeito às salas de bate-papo e sites de conversas instantâneas online: msn, icq, mirc, entre outros.

Patrícia Hipólito, entrevistada pelo site citado no capítulo três (SURDOS..., 2006), diz que, na primeira vez em que usou o ICQ, ficou das nove horas da noite até às seis da

manhã do outro dia. Nestes espaços, os surdos podem se comunicar em tempo real e com quem desejarem, sem a necessidade de um intérprete ouvinte. Dessa forma, podem conversar sem limitações orais e culturais. “Eu conheço surdos de vários locais do Brasil e do mundo: é muito bom!”, afirma Patrícia. (SURDOS..., 2006). Já a experiência de Regiane comprova que as diferenças lingüísticas existentes entre surdos e ouvintes no contexto do Português escrito, na internet, desaparecem. Ela conta que, certa vez, conversava com ouvintes numa sala de bate-papo e, quando disse que era surda, os assustou (SURDOS..., 2006).

Este fato desperta o interesse de pesquisadores da área lingüística, os quais observam que, na internet, sobretudo no contexto de bate-papos, a escrita utilizada pelos internautas, em geral, tem que ser rápida. Assim, ela torna-se telegráfica, com várias abreviações, desconsiderando o uso de conectivos e artigos em alguns casos. Além disso, mesmo a própria ortografia é deixada de lado. Já que o fluxo das palavras escritas tenta simular o do diálogo falado, não há tempo para floreios, nem para corrigir o que se escreve.

Dessa forma, a linguagem escrita do surdo, com sua falta de preposição e inversão da ordem direta das frases, muitas vezes se confunde com a utilizada pelo ouvinte nas conversas instantâneas via web.

Porém, apesar dos vários vícios presentes no português dessas conversas, para o surdo, existe aí uma grande vantagem: a motivação para o uso da escrita na Língua Portuguesa. Podendo, assim, treiná-la, estudá-la, expandir seu vocabulário e atribuir novos significados aos signos com os quais está lidando.

Isso tudo pode ser visto como fator positivo ao letramento do surdo. Segundo Soares (2000), a definição de alfabetização e letramento seria:

Letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo capaz de ler e escrever [...] ou seja, o alfabetizado aprende a ler e escrever, enquanto que o letrado passa a fazer uso da leitura e da escrita.

A oposição ouvinte/surdo, ou seja, a normatização/deficiência limitou a educação dos surdos durante muito tempo à fala e leitura de palavras, havendo sempre a necessidade da presença de um leitor ouvinte para significá-las. Em consequência disso, a produção escrita dos surdos consistia em nomear e descrever ações simples. Neste contexto, o uso da escrita e da leitura na internet pelos surdos pode proporcioná-los o letramento, que os leva a deixarem de ser analfabetos funcionais. Assim, através do computador, o surdo falante/leitor de sinais apropria-se também da escrita do português, usando-a como instrumento de interação social.

Segundo Freire (1998), é importante ressaltar que as dificuldades com os componentes sistêmicos podem ser enfrentadas mais naturalmente quando os aprendizes são apresentados a textos escritos que tratam de conhecimento do mundo com o qual eles já estão familiarizados.

Dessa forma, o interesse do surdo em aprender, desenvolver e interpretar a escrita torna-se ainda maior quando ela refere-se ao contexto no qual eles estão inseridos. Isso ocorre já que a língua escrita é empregada na internet em situações sociais interativas, nas quais as pistas de interpretação são contextuais, o que facilita ainda mais a compreensão do conteúdo. Além disso, a língua escrita não advém da interação face a face. A língua escrita vai além disso: ela permite a comunicação independente de tempo ou lugar.

Um estudo realizado pelo Núcleo de Informática na Educação Especial (NIEE), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) é prova de que há progressos no desenvolvimento do Português por parte do surdo, quando este se utiliza da internet (SURDOS..., 2006). O projeto previa analisar o efeito do uso da ferramenta e-mail por pessoas surdas. Sendo o email um instrumento de troca de mensagens um pouco mais formal do que os chats, ele requer uma estrutura mais elaborada, mesmo porque este não é um meio para conversa em tempo real.

Sendo assim, além de expandir o vocabulário, o surdo lida com uma estrutura mais formal da língua ao formular um email. Os resultados do estudo, dentre outras coisas, mostram: elaboração de mensagens com fatos do cotidiano; utilização de letras maiúsculas no início das frases; pontuação correta; pronome no início e no meio da frase; elaboração de mensagens com melhora em termos de conteúdo; coerência e lógica. Além disso, observou-se um entendimento mais rápido das mensagens recebidas; maior independência, autonomia e satisfação na comunicação escrita e o correto uso de alguns nexos frasais. (SURDOS..., 2006).

5 OUVINTE: MEUS PÊSAMES PARA SUA ARTE DE DOMINAR

5.1 IMPLANTE COCLEAR

Dentre as perspectivas futuras para o surdo na pós-modernidade, encontram-se a possibilidade de uma cirurgia que pode devolver a audição. Segundo o site (TODOS..., 2006), em junho de 2006, o Hospital Iguaçu, em Curitiba, começou a realizar esta cirurgia, que consiste na realização de um implante coclear. A primeira cirurgia deste tipo foi realizada na década de noventa, durante um simpósio. Desde então, o procedimento é a esperança para quem perdeu a audição por algum problema ou também para quem nasceu com a deficiência.

Durante a cirurgia, um dispositivo eletrônico, composto por um grupo de eletrodos e um aparelho receptor, é implantado na parte interna do ouvido. Por fora, colocado na orelha, fica a parte que processa a fala, com um microfone e a bateria. O implante coclear substitui a função da cóclea (que codifica os sons), transformando os sinais sonoros em elétricos, fazendo com que o paciente possa ouvir. A comunicação entre os componentes externos e internos é realizada através de ondas de frequência transmitidas pela pele intacta (percutâneo).

Apesar de ser considerado um grande avanço, o implante é indicado apenas em casos de surdez profunda e, dependendo da causa da deficiência. Além disso, para verificar a indicação do implante, o paciente terá de passar por uma bateria de testes que levam em média seis meses para serem concluídos.

A cirurgia pode ser indicada tanto para adultos quanto para crianças maiores de um ano de idade que apresentem surdez profunda, ou seja, não ouvem nada e que não tenham benefício com aparelho auditivo. Já para os adultos, as exigências são maiores. Eles devem ter uma boa leitura labial e ter tido treinamento para falar ou se comunicar.

Após a cirurgia, o paciente deverá ser submetido a sessões de fonoaudiologia por um período que varia de seis meses a dois anos, com duas consultas semanais. O papel do fonoaudiólogo é fundamental, pois o paciente terá que reaprender a ouvir.

Para saber se o indivíduo será beneficiado ou não com o implante, uma equipe multidisciplinar, composta por otorrinolaringologista, fonoaudiólogos, enfermeiros, psicólogos e assistentes sociais, precisa avaliá-lo.

Cada paciente pode apresentar graus diferentes de respostas ao implante. A maioria tem como resultado uma boa audição, sendo possível até falar ao telefone. Em outros casos, o paciente reconhecerá os sons ambientes e o ritmo da fala, ajudando na leitura labial. Por outro lado, quanto mais tempo a pessoa fica sem ouvir, menos satisfatório será o resultado do implante. O Dr. Maurício Buschle, cirurgião e otorrinolaringologista do Hospital Iguazu, afirma que, nestes casos, o procedimento só será indicado se a prótese auditiva não funcionar mais.

A surdez profunda é uma deficiência que afeta a personalidade, o relacionamento e todo o estilo de vida da pessoa. De acordo com dados do último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), existem no Brasil cerca de trezentas mil crianças com deficiência auditiva que levam o problema para a fase adulta. (TODOS..., 2006). Este implante é feito pela maioria dos convênios de saúde. O SUS cobre a cirurgia apenas nos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, e em criança de até dois anos.

Hoje, mais de vinte mil pessoas em todo o mundo usam o implante coclear. A França foi o país pioneiro no assunto, iniciando pesquisas em 1957. Na década de setenta, o implante começou a ser usado clinicamente nos Estados Unidos. Na época, os aparelhos eram simples, tinham apenas um eletrodo, o sinal era analógico e era necessário deixar uma espécie de tomada atrás da orelha. Os implantes atuais têm vários eletrodos e um sinal digital que é

calibrado e regulado por um programa de computador para encontrar melhor o estímulo para o paciente. (TODOS..., 2006)

5.2 DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO ILUSTRADO TRILINGUE DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

No Brasil, já existe um dicionário para surdos. A obra traduz em textos e imagens o complexo sistema de comunicação por sinais que existe desde o Império, mas só agora documentado. São 9.500 verbetes e quarenta mil ilustrações em 1.450 páginas. O Dicionário Enciclopédico Ilustrado da Língua vem cobrir uma lacuna que afeta a educação e o direito à comunicação plena de duzentos mil brasileiros e outras milhares de pessoas que convivem diariamente com essa população. (WEB..., 2006).

A Língua de Sinais Brasileira pode ser encarada como o idioma natural dos surdos. Assim, enquanto os cegos usam o código braile, mas são fluentes na língua portuguesa, os surdos encontram dificuldades para se comunicar com outras pessoas por adotarem um outro idioma. Além disso, há um obstáculo adicional nessa comunicação: a Libras possui inúmeras variações de local para local. Com isso, é possível encontrar diferentes sinais para representar a mesma coisa até em bairros vizinhos.

Fruto de um trabalho de cinco anos, o dicionário foi criado pelo professor de psicologia da Universidade de São Paulo (USP), Fernando Capovilla. Para chegar a um bom resultado, Capovilla e sua equipe reuniram voluntários surdos que ficaram encarregados de selecionar os principais sinais. Até então, os registros da Libras eram poucos e limitavam-se à conhecida **linguagem de mãos**, que traduz o abecedário e os números. (WEB..., 2006).

Depois de formar o corpo do dicionário, iniciou-se o trabalho de tradução para o português e o inglês e de revisão das palavras, contando com a participação decisiva da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) e da Cooperativa Padre

Vicente de Paula Penido Burnier. “A história começa com o uso do registro escrito e, a partir de agora, a língua de sinais brasileira passa a ter seu próprio registro”, explica Capovilla. (WEB..., 2006).

A obra vai ajudar também pais e professores ouvintes de crianças surdas a encontrarem uma fonte de consulta sempre que precisarem. “O dicionário e o sistema multimídia com voz digitalizada nele baseado permitirão a comunicação entre surdos e ouvintes.” (WEB..., 2006).

O maior obstáculo para o surdo hoje é a falta de um vocabulário de sinais consensual para sua educação. O Ministério da Educação (MEC) estima que existam quase cinquenta mil pessoas com deficiência auditiva matriculadas em escolas. Depois dos doentes mentais, os surdos são o segundo grupo mais numeroso em busca de aprendizado. Mas o censo do MEC mostra que eles encontram dificuldades para avançar nos estudos: 67% dos estudantes surdos estão matriculados no ensino fundamental e só 2% no nível médio. (WEB..., 2006).

Uma das razões para esse desnivelamento é que o Brasil não possui uma padronização no ensino para surdos. Nem todas as escolas adotam o bilingüismo, que ensina a Libras e o Português. Muitas optam pelo oralismo, que prepara o estudante para freqüentar salas de aula e é ele que tem de se adaptar ao esquema de aula. Alguns especialistas defendem que o aluno surdo deve integrar-se em salas comuns, adaptadas para atenderem a esse público. Outros pregam a existência de classes especiais para os ensinos infantil e fundamental. Porém, faltam educadores preparados. “É fundamental a capacitação de professores para o uso da língua de sinais, pois há uma tendência no país para o bilingüismo”, explica a secretária de educação especial do MEC, Marilene Ribeiro dos Santos. (WEB..., 2006).

Essa edição do dicionário de Libras é maior que a norte-americana. Os 9.500 verbetes e quarenta mil ilustrações fazem com que o Dicionário da Língua de Sinais Brasileira

supere as 5.600 entradas de um dos melhores dicionários do mundo, publicado pela Gallaudet, a única universidade para surdos do mundo, com sede em Washington. (WEB..., 2006).

A edição brasileira é trilingue: português, inglês e a língua de sinais escrita. Para cada um dos verbetes em português, segue o correspondente em inglês, como são feitos os sinais com as mãos e a sua escrita visual, que obedece a um padrão universal. A escrita visual, sign writing, foi desenvolvida por Valerie Sutton e representa em símbolos uma palavra expressa pela língua de sinais. Com ela, é possível escrever livros, produzir legendas e permitir a comunicação pelo computador. Foi por meio do dicionário que se criou o primeiro sistema de telecomunicação usando sinais animados. Assim, através dele, surdos podem conversar com outras pessoas que apresentam ou não a surdez. (WEB..., 2006).

Este sistema foi inicialmente desenvolvido para pessoas com sérios distúrbios motores e sensoriais, como a tetraplegia. Na tela do computador, a pessoa pode dizer qualquer coisa selecionando figuras correspondentes à língua de sinais. Em seguida, o computador apresenta uma voz digitalizada com o som da palavra.

A obra de Fernando Capovilla traz os sinais usados no dia-a-dia pelos surdos. Por isso, além de palavras usadas com frequência, estão presentes gírias e até nomes de empresas.

Como a língua de sinais varia de região para região, essa primeira edição é uma tradução mais próxima dos sinais usados pela comunidade surda de São Paulo. Não significa que um surdo de outro Estado não possa aproveitar a obra. No entanto, surdos de outras partes do Brasil sentirão falta de termos mais próximos do seu cotidiano, como as expressões regionais. “Estamos dando o primeiro passo que pode inspirar outros pesquisadores a fazer o mesmo”, explica Capovilla. (WEB..., 2006).

5.3 SE DEIXAR, VOU TE DIZER

No site (ORKUT, 2006), existem diversas comunidades de surdos, que, na maior parte das vezes, busca estabelecer o contato entre surdos e surdos ou surdos e ouvintes, visando sempre manter a identidade da pessoa surda, com autenticidade.

Dentre elas, existe a comunidade **Surdo Sol**, que é um prolongamento de um dos sites para surdos mais acessados por eles no Brasil, o site www.surdosol.com.br. Este é identificado pelo dono da comunidade como: “É nosso site de surdos do Brasil, que tem lista de MSN, desenhos, eventos, igrejas e muito mais...para conhecer e faça mais amizades no SURDOSOL!”. (ORKUT, 2006). Com uma linguagem diferente da norma padrão da língua portuguesa, o dono dessa comunidade anuncia o site correspondente a ela, como sendo um site de surdos do Brasil, no qual existe lista de msn, desenhos, eventos, igrejas. Lá eles podem conhecer e fazer novas amizades. O site também é anunciado como o maior site de comunicação online de surdos da América Latina. Nele, pode-se cadastrar msn, fotolog, igrejas, associações e eventos gratuitamente.

Outra comunidade de surdos encontrada no orkut é a **D.A. não Surdo sim**. Em sua descrição, ela é apresentada como uma comunidade feita para quem assume a identidade verdadeira de surdo, sem qualquer preconceito. (ORKUT, 2006).

Durante a apresentação desta comunidade, há a diferenciação entre surdo e deficiente auditivo, segundo o criador da mesma:

“Surdo não usa aparelho e tem pouco ou nenhum resíduo (audição), enquanto o D.A. usa aparelho e tem bom resíduo; o Surdo sente a vibração sonora, já o D.A. ouve o som, muitas vezes com distorção; Surdo estabelece a sua comunicação através de sinais, estabelecendo-a em cem por cento; o D.A. comunica-se através de leitura labial e oralização, sua comunicação é estabelecida em sessenta e cinco por cento; Surdo possui cultura própria, D.A não tem cultura própria, segue cultura ouvinte; Surdo aceita sua condição de surdo, sem preconceito, D.A não aceita ser surdo; Surdo tem identidade própria, D.A: em busca de identidade própria.” (ORKUT, 2006)

Surdos é uma comunidade criada aos surdos brasileiros e para quem tem interesse na troca de informação sobre a língua de sinais. O dono da comunidade a define da seguinte forma:

Ação entre amigos entre Ouvintes e surdos! p/ quem interesse a troca comunicação nossa língua de sinais (LIBRAS)...aproveita troca os amigos como união a conhecer! Os surdos temos a msn p/ comunicar a conhecer nosso vidas dos surdos e ouvintes. OBS: não aceite falar sobre Implante Coclear e Preconceito então pode deletar isso q ter o respeito nossa comunidade nossa surda oralizada e surda LIBRAS (ORKUT, 2006)

Dentre tantas outras comunidades de surdos no orkut, uma que se destaca é a **Música para surdos**. Num dos tópicos de discussão desta comunidade, uma participante ouvinte afirmou que música é algo muito “ouvintista” e que colocar música no universo do surdo é uma forma de forçá-lo a aceitar a cultura do ouvinte. Rebatendo o que foi dito por esta participante, uma outra avalia a música no ambiente dos surdos algo “legal”, pois, através da tradução em libras, consegue-se colocar o sentimento da música, a intensidade e o ritmo. Dessa forma, esta última participante acredita que o surdo pode ter sim um contato maior com a música de fato, já que todos têm o direito a beleza da sonoridade mesmo sem ouvir

Dentro deste contexto, a tribo dos surdos criou e encontrou seu próprio espaço.

Segundo McLuhan (1964), Arnold Toynbee ignora os efeitos dos meios na formação da história. No entanto, os efeitos da tecnologia não ocorrem no nível das opiniões e dos conceitos: eles se manifestam nas relações entre os sentidos e nas estruturas da percepção, num passo firme e sem qualquer resistência.

Sendo assim, ao surdo e aos demais desviantes – chamados assim por fugirem dos padrões impostos pela sociedade, seja por redundância ou por falta de algo - o ciberespaço revela-se como um lugar democrático, no qual o anormal proclama que não é melhor nem pior; mas, simplesmente, diferente.

5.4 TECNOLOGIAS ASSISTIVAS A OUTROS PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS

Facilitar o desenvolvimento das atividades diárias do portador de necessidades especiais; aumentar a capacidade funcional dos mesmos e promover a autonomia e independência de quem as utiliza. Estes são os principais alvos das chamadas tecnologias assistivas. (MELO, 2006).

Algumas delas auxiliam na locomoção, no acesso à informação, no controle do ambiente e em diversas atividades do cotidiano, como estudo, trabalho e lazer. Alguns exemplos são: cadeira de rodas, bengalas, próteses, lupas, aparelhos auditivos, controle remoto, entre outros.

No contexto da interação humano-computador, os dispositivos apontadores alternativos substituem o mouse convencional do computador, por meio de sete acionadores de toque simples, permitindo os movimentos direcionais do cursor, clique único, duplo-clique e acionamento da tecla direita do mouse. Eles também apresentam chave do tipo liga/desliga para a função arrastar.

Outro exemplo são os teclados alternativos. Dispositivos de hardware ou software oferecem uma alternativa para o acionamento de teclas, simulando o funcionamento do teclado convencional. Alguns podem ter os teclados com espaçamento maior ou menor entre as teclas. Outros, protetores de tela, que possibilitam o acionamento de uma única tecla por vez ou simuladores de teclado na tela do computador.

Existem também ponteiras de cabeça, as quais são ferramentas que podem ser acopladas à cabeça para auxiliar, por exemplo, o uso do teclado por pessoas que tenham dificuldades em usá-lo de forma convencional.

Já os sistemas para entrada de voz viabilizam a interação com o computador via voz e, assim, pode ser utilizado por pessoas que estejam com a mobilidade dos membros superiores comprometida. Em geral, aplicações que podem ser feitas via teclado também podem ser acionadas via síntese de voz.

Outros aplicativos são os ampliadores de tela. Estes dispositivos podem ampliar parte da interface gráfica apresentada na tela do computador. Assim, facilitam seu uso por pessoas com baixa visão, capazes de enxergar elementos de interface e conteúdo apresentados no tamanho exibido por esses aplicativos. Na medida em que ampliam parte da interface, também reduzem a área que pode ser visualizada, removendo informações de contexto.

Os leitores de tela com síntese de voz também facilitam a vida do portador de necessidades especiais. Eles são aplicativos que viabilizam a leitura de informações textuais via sintetizadores de voz. Dessa forma, podem ser utilizados por pessoas com deficiência visual, como também por quem esteja com a visão direcionada a outra atividade e, até mesmo, por aquele que tem dificuldades para ler.

Outro auxiliar, em especial para a vida do deficiente visual, são as linhas braile: Dispositivos de hardware, compostos por fileiras de células braile eletrônicas, que reproduzem informações codificadas em texto para o sistema braile e, assim, podem ser utilizadas por usuários que saibam interpretar informações codificadas neste sistema. (MELO, 2006). Existem também impressoras em braile, que imprimem em papel informações codificadas em texto para o sistema braile.

6 PANORAMA DAS ENTREVISTAS

Carlos Basílio, de trinta anos, afirma ser usuário da Internet e a utiliza de vez em quando. Quanto ao msn, ele diz adorá-lo e gosta de entrar para conversar. Carlos não costuma namorar pelo msn e nem estudar. Utiliza o site de bate-papo só para conversar com amigos mesmo. Ele conversa com ouvintes, através do msn e tem um pouco de dificuldade para entender o português destes por ter muito adjetivo.

Quando questionado se lia jornal pela internet, o entrevistado acima declarou que “eu ler sempre jornal nacional” (Anexo 4). Para Carlos, internet é sinônimo de bater-papo e aprendeu a usá-la quando fez um curso de informática. Os sites que mais gosta são orkut, paltalk, globo e panorama.

Já Franciane Alves, de vinte e seis anos, diz que seu irmão Álvaro usa a internet e que ela mesmo usa sempre o msn. Franciane enfatiza que gosta deste site por ser bom bater papo e conversar com amiga. Ela não namora pelo msn, porque é solteira. Para a entrevistada, através do site de bate-papo, pode aprender e treinar o que estuda. A internauta sempre conversa com amigos pelo msn e acha isso bom. (Anexo 5).

Franciane avalia que o português é difícil e pesado. Quando questionada se lê jornal pela internet, se entende bem o português deste meio, o que é internet e para que usá-la, ela responde com interrogações. Mas afirma que, embora aprender a usar o computador seja uma tarefa difícil, sempre treina.

Isabel Cristina de Carvalho, de trinta e sete anos, costuma acessar um site de fliperama pela internet e só utiliza a rede www sexta e sábado. Já no msn, às vezes, às segundas e quintas-feiras, ela entra e diz gostar muito deste site, porque pode conversar no bate-papo. Isabel relata que lê pelo msn, mas não conversa com ouvinte. Ela avalia que é difícil entender

bem o português do ouvinte. Quanto à pergunta: “Ler jornal internet?”, ela respondeu: “GLOBO”. (Anexo6).

Para Isabel, internet é “www.orapois.com.br”. Segundo ela, uma amiga a ajuda a usar o computador e declara que, em seu caso, a finalidade da internet é conversar com a filha no bate-papo. O site que Isabel mais gosta é o www.camfrog.com. O interessante é que este site é americano e, quanto à pergunta doze, que se refere ao entendimento do português da internet, a internauta responde: “inglês”.(Anexo 6).

Já Rafael Aleixo Pinto, de dezenove anos, usa a internet para acessar sites como orkut, msn, yahoo, surdosol, etc. Ele afirma que usa o segundo, de vez em quando, para conversar com amigo. O internauta acha que gosta do site de bate-papo, porque é bom conversar com os amigos dele. Rafael, às vezes, estuda pelo msn e conversa com ouvinte. Entende bem o português, mas, quando não conhece a palavra, não compreende uma coisa ou outra. (Anexo 7).

A surda Valéria Caldas Giovannini, de trinta e sete anos, também usa a internet, mas não todo dia, somente aos sábados e domingos. Ela avalia gostar muito do msn, no entanto, não para estudar e sim para conversar com amigo. Valéria conversa com ouvintes e entende “mais ou menos” o português da internet. (Anexo 8). Porém, apesar da dificuldade, a internauta relata que aprendeu a usar o computador e a internet sozinha em casa. “Orkut, msn, globo e jornal” são os sites que mais gosta. (Anexo 8).

Quanto a Wiara Peixoto, vinte e um anos, usar a internet é: “www.camfrog.com”.

Sextas e sábados são os dias em que Wiara entra na internet, mas nas terças, quintas e sextas, usa o msn e gosta muito do site, por poder conversar. Ela não conversa com ouvinte e, quanto as perguntas “namorar msn” e “conversar com ouvinte msn”, a entrevistada respondeu indicando emails de pessoas com as quais se relaciona. Para Wiara, internet é www.orkut.com. (Anexo 9).

7 CONCLUSÃO

Diante desse contexto, avalia-se que o surdo não poderá ser incluído de fato no contexto social, antes que haja a presença de um intérprete em Libras, dentro de sala de aula. Pois, embora existam exemplos de avanços dados no desenvolvimento do surdo, através do seu contato com a internet, o que pode ainda ser observado é um alto grau de dificuldade quanto à compreensão da Língua Portuguesa.

Acredita-se, dessa forma, que o Bilingüismo ainda é um dos caminhos mais favoráveis à inserção do surdo na sociedade. Já que, através da sua língua mãe, o sujeito estudado poderá aprender a língua oficial de seu país e, a partir daí, tentar caminhar de maneira independente e em pé de igualdade com o ouvinte.

Vê-se o surdo como um cidadão que se difere do ouvinte essencialmente pela base lingüística. Observa-se que, quando a barreira da língua é quebrada, não há mais como enxergar o surdo como um deficiente; ao contrário disso, passa-se a respeitá-lo pela coragem de assumir sua identidade de surdo, sua cultura e língua, diante de uma sociedade que ainda fecha-se ao diferente. Isso ocorre já que o diferente não é discernido com facilidade e gera desconforto por não ter um padrão base. Dificultando, assim, sua submissão aos moldes estabelecidos.

No passado, a alfabetização gerou uma unidade familiar e tribal. Hoje, o acesso a Internet, através de salas de bate-papo, pesquisas online, trocas de e-mails, proporciona a unidade e coesão de qualquer cultura. Neste contexto, temos a oportunidade de conhecer melhor uns aos outros e lembrar que as sociedades orais são constituídas de gente diferenciada, não por habilidades especializadas ou sinais visíveis, mas por suas singulares misturas emocionais.

O mundo interior do homem oral é repleto de emoções e sentimentos complexos,

que o homem prático do Ocidente há muito suprimiu dentro de si, no interesse da eficácia e da praticidade. Sentimentos complexos esses que podem ser traduzidos do surdo para o ouvinte, quando estes se dispõem a relacionar-se de igual para igual.

Hoje, existem programas computacionais que traduzem obras-primas ou textos comuns de qualquer literatura para qualquer língua. Uma tentativa de traduzir alguns aspectos da cultura dos surdos é um passo a mais no armazenamento de experiências que buscam quebrar a hegemonia imposta pelos padrões da cultura pós-moderna.

Por volta dos anos oitenta, começaram a se intensificar cada vez mais os casamentos e misturas entre linguagens e meios, misturas essas que funcionam como um multiplicador de mídias. Estas produzem mensagens híbridas como se pode encontrar, por exemplo, nos suplementos literários ou culturais especializados de jornais e revistas, nas revistas de cultura, no rádiojornal, telejornal, etc.

Em suma, a nova mídia determina uma audiência segmentada, diferenciada que, embora maciça em termos de números, já não é uma audiência de massa em termos de simultaneidade e uniformidade da mensagem recebida. A nova mídia não é mais mídia de massa no sentido tradicional do envio de um número limitado de mensagens a uma audiência homogênea de massa.

Devido á multiplicação de mensagens, a própria audiência torna-se mais seletiva. A audiência visada tende a escolher suas mensagens, assim, aprofunda sua segmentação, intensifica o relacionamento individual entre emissor e o receptor.

Dessa forma, cabe a esta atual geração de comunicadores alcançar todas as tribos, com um discurso que respeite a singularidade de cada uma delas. A moda recente é a da reciclagem de materiais, para amenizar o desgaste do meio ambiente já causado pela mão do homem. Aprende-se que o jornalista é, antes de mais nada, um formador de opiniões. Neste âmbito, que se possa, então, reciclar os conceitos sobre as limitações do surdo para que essa

idéia passe adiante.

Há um consenso no que diz respeito à tese de que vivemos uma revolução sem precedentes das transformações tecnológicas e culturais que a era digital está trazendo para o mundo.

Com o desenvolvimento das tecnologias da informática (especialmente a partir da convergência explosiva do computador e das telecomunicações), as sociedades complexas desenvolveram, de forma crescente, uma habilidade surpreendente para armazenar e recuperar informações, tornando-as disponíveis em diferentes formas para quaisquer lugares.

O mundo está se tornando uma gigantesca rede de troca de informações. Por volta de 1988, um único cabo de fibra ótica podia transformar três mil mensagens eletrônicas de cada vez. Por volta de 1991, 80 mil; em 2000, três milhões.

Hoje, a circulação da moeda corrente da informação depende do computador. Não se pode negar que, intelectuais e educadores têm diante deles um espaço a ser ocupado. Assim, de nada adiantará o conforto da crítica meramente discursiva.

A ocupação do espaço era impossível nos meios de massa. Agora, o ciberespaço, diferentemente, está repleto de vãos: brechas para a comunicação, informação, conhecimento, educação e para formação de comunidades virtuais estratégicas que devem urgentemente ser exploradas com um faro que seja política e culturalmente criativo.

Através das redes estabelecidas atualmente, amplia-se, a cada dia, um espaço mundial no qual todo elemento de informação encontra-se em contato virtual com todos e com cada um.

A realidade virtual promove o reequilíbrio dos sentidos humanos, quando ainda há uma extensiva hegemonia dos olhos e ouvidos e isso ocorre pelo feedback exigido por ela.

Uma vantagem adquirida pelo internauta no ciberespaço é que ele pode ser uma outra pessoa no ambiente virtual. Mas isso só é possível com a mediação do outro.

Na perspectiva dos mundos virtuais, a comunicação não é mais concebida como difusão de mensagens, troca de informação; mas como emergência continuada de uma inteligência coletiva. No entanto, não se deve concebê-la como uma fusão de inteligências individuais em uma espécie de magma indistinto; mas, ao contrário, como um processo de crescimento, de diferenciação, de ramificação e de retomada mútua de singularidades.

Os instrumentos digitais oferecem a possibilidade de uma evolução em direção a uma maior democracia do saber. Mas nada é garantido. Reconhece-se que o conhecimento é o fundamento do poder e que a capacidade de aprender e de inventar sustenta o poder econômico. Portanto, não há outra via para uma renovação da democracia que não imaginar e colocar em prática formas não-excludentes de relação com o saber.

Com este objetivo, a ideografia dinâmica, a cosmopedia, os mundos virtuais de significação dividida e o ciberespaço para a inteligência coletiva são utopias que devem ser discutidas com um posicionamento crítico.

Falta ao surdo a capacidade de situar, através do som, um objeto no espaço, como, também, os alertas e os avisos do meio ambiente físico. O surdo, dessa forma, está privado de entender e participar de uma parte das circunstâncias e incidentes cotidianos. Esta possibilidade da falta de experiências integradas aos fatos do dia a dia influi, decisivamente, em seus sentimentos e atitudes.

Contudo, com o estabelecimento do correio eletrônico, o Ciberespaço – revertendo o processo de redução do hábito de escrever cartas - permite ao usuário surdo desenvolver sua independência pessoal, quando o coloca em situações decisivas de comunicação, exigindo dele uma autodeterminação.

Ainda que o Ciberespaço tenha surgido da constatação de que a informação só tem valor pela rapidez de sua difusão, ou melhor, a velocidade é a própria informação, o espaço-tempo-cibernético, também valoriza e armazena relíquias culturais. Fato que possibilita ao

surdo, e aos demais navegadores comumente excluídos, apropriar-se do acervo cultural produzido pela humanidade. Eis aí uma oportunidade ao desenvolvimento de seu potencial e de sua integral formação como sujeito, a qual lhe oferece condições de exercitar, efetivamente, sua cidadania.

O Ciberespaço oferece a oportunidade de conexão das inteligências coletivas. Portanto, respeitando o surdo como um sujeito preservado, ou seja, um indivíduo que possui particularidades especiais, há, no mundo virtual, a possibilidade de elaborar uma tradução desse sujeito para o ouvinte e vice-versa, como o que tem ocorrido na história do homem entre grupos diferentes de indivíduos diferentes.

Este será um passo decisivo no processo de inclusão social, no qual a sociedade adapta seu sistema à recepção de pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se capacitam para assumir papéis dentro desse mesmo sistema.

Na resolução 45/91 da Assembleia Geral das Nações Unidas há, provavelmente, a primeira citação do termo **uma sociedade para todos**. Promovida pela Onu em 1990, essa Assembleia inaugurou oficialmente a meta de uma sociedade para todos por volta do ano 2010.

Ainda nos restam três anos ou temos somente três anos?

A transformação de nossos pontos de vista e atitudes pode definir essa questão.

REFERÊNCIAS

- 1) ARANHA, Maria Salete Fábio. **Projeto Escola Viva**: garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na **escola: alunos** com necessidades educacionais (dois subtítulos??) especiais. Brasília: BelmontCom (projeto gráfico) : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial , 2000.
- 2) FACCINI, Marcelo. Relato de um surdo. **Língua de Sinais**: a imagem do pensamento, São Paulo: Ed. Escala, n.7, p. 49, 2001.
- 3) FREIRE, Alice. **A aquisição de português como segunda língua**: uma proposta de currículo. p. 46-52) (s. ed.), 1998
- 4) GOLDFELD, M. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-intracionista. Plexus, 1997.
- 5) LÉVY, Pierre. **Tecnologias intelectuais e modos de conhecer**: nós somos o texto. Disponível em: www.portoweb.com.br/Pierrelevy/nossomos.html. Acesso em 06 jul. 2000.
- 6) REILY, LUCIA; REILY, DUNCAN ALEXANDER. **A Igreja Monástica e a Constituição da Língua de Sinais e do Alfabeto Manual**. Campinas: GT: Educação Especial, n. 15, [19--]. --???
- 7) MARCATO, Simone: <http://www.unicamp.br/~ihc99/Ihc99/AtasIHC99/post5.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2006.
- 8) MARQUES, Carlos Alberto. **A imagem da alteridade na mídia**. 2001. Trabalho apresentado como requisito para aprovação no Curso de Doutorado em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.
- 9) MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**: understanding media. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1964.
- 10) MELO, Amanda Meincke. **Tecnologias Assistivas**. Disponível em: <<http://www.todosnos.unicamp.br/Ideias/Noticias>>. Acesso em: 24 jan. 2006.
- 11) MORAES, Fernanda. A arte de falar com as mãos. Disponível em: <http://www.jornaldaestacio.com.br/anteriores/20/materia5.asp>. Acesso em: 02 jan. 2006.
- 12) ORKUT. **Comunidades**. Disponível em: <http://www.orkut.com>>. Acesso em: 27 dez. 2006.
- 13) RNP. Promovendo o ensino inovador de redes avançadas no Brasil. Disponível em: <http://www.rnp.br/noticias/consulta/?words=internet2&begin=21>. Acesso em: 24 jan. 2007.
- 14) SACKS, O. **Vendo Vozes**: Uma jornada pelo mundo dos surdos. Imago, 1989
- 15) SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo horizonte: Autêntica, 2000 – 2ª Edição.

16) SURDO E INTERNET. Disponível em:

<http://www.dspcom.fee.unicamp.br/cristia/surdos/intro>. Acesso em: 23 out. 2006.

17) TODOSNÓS. **Implante Coclear**. Disponível em:

<<http://www.todosnos.unicamp.br/Ideias/Noticias>>. Acesso em: 02 dez. 2006.

18) WEBLINGUAS. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais**

Brasileira. Fernando Capovilla. Disponível em: <<http://www.weblinguas.com.br/biblioteca>>. Acesso em: 23 jan. 2006).

ANEXO 1 – SIGN WRITING

ANEXO 2

| Contexto ou Categoria | Exemplos | Quantidade |
|---|---|------------|
| Ofícios religiosos | Abade, sacristão, mestre | 12 |
| Exemplo: “5. O sinal para mestre , que cuida das crianças, é que se coloca os dois dedos perto dos olhos e ergue-se o dedo mínimo.” | | |
| Pessoas leigas | Rei, leigo | 4 |
| Ex.: “126. O sinal para leigo é que pega-se no queixo com toda a mão, como se estivesse pegando na barba.” | | |
| Missa e objetos de uso religioso | Igreja, cruz grande, cruz pequena, vela | 23 |
| Ex.: “35. Quando quiser uma cruz grande , coloque o dedo sobre o dedo direito e ergue o polegar.” | | |
| Literatura religiosa | Bíblia, a regra, pequena martiriologia | 11 |
| Ex.: “45. Quando quiser uma martiriologia pequena , então movimente sua mão e coloque o indicador sobre a garganta, e erga o dedo mínimo.” | | |
| Ações | Levantar, sentar, querer | 6 |
| Ex.: “40. Se quiser que ele se sente , vire [a mão] para baixo e deixe-a abaixar um pouco.” | | |
| Refeitório | Refeitório, guardanapo, faca, tigela | 11 |
| Ex.: “49. Se quiser indicar qualquer coisa pelo sinal de refeitório , então coloque os três dedos como se estivesse colocando alimento na boca.” | | |
| Alimentos e bebidas | Pão, queijo, vinho, chá de ervas... | 28 |

| | | |
|--|---|----|
| Ex.: “54. Quando quiser pão , então junte os dois polegares, e os dois dedos indicadores um contra o outro diante de si.” | | |
| Dormitório | Dormitório, cobertor | 4 |
| Ex.: “89. Quando quiser um cobertor , então movimente sua roupa e coloque a mão na bochecha.” | | |
| Vestimentas e | Chinelos, meia | 11 |
| Ex.: “101. Se quiser uma camisa , pegue a manga nas mãos e movimente-a.” | | |
| Higiene | Privada, água, lavar cabelo | 7 |
| Ex.: “97. Se precisar de água , então faça como se fosse lavar as mãos.” | | |
| Instrumentos | Tesouras, vara, flagelo, régua, pena... | 10 |
| Ex.: “117. O sinal de uma pena é que juntam-se os três dedos como se estivesse segurando uma pena, abaixe-os e movimenta os dedos, como se fosse escrever.” | | |

(Tradução de Lucia Reily e Duncan Alexander Reily).

ANEXO 3 – CONVERSAS COM ALISON TALIN

Conversa 1:

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:

oi

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:

tudo bem?

Alisson diz:

oi

Alisson diz:

tudo bem???

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:

tudo e vc?

Alisson diz:

vc mora onde?

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:

em juiz de fora e vc/

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:

???

Alisson diz:

perto minha cidade capital

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:

perto de Belo Horizonte??

Alisson diz:

conheco capital minha mora?

Alisson diz:

sim

Alisson diz:

isso

Alisson diz:

vc foi belo horizonte?

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:

já fui sim...

Alisson diz:

vc gosta belo horizonte?

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:

gostei, mas quando fui, chovia muito aí

Alisson diz:

chovendo nao passar passeiar em dificil

Alisson diz:

vc vai bh de novo?

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:

nao sei, por enquanto não

Alisson diz:

vc tem vontade ver bh?

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:

tenho sim..eu conheço muita gente que mora aí

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:

vc tá onde agora, no trabalho

Alisson diz:

sim to trabalho aqui

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:

o que vc faz no seu trabalho?

Alisson diz:

digitador

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:

vc trabalha com informática?

Alisson diz:

nao e informatica so digitador

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:

vc digita o que?

Alisson diz:

documento fiscal

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:

em q lugar vc trabalha?

Alisson diz:

centro aqui

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:

é em escritório?

Alisson diz:

nao

Alisson diz:

digitador computador e

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:

q q

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:
onde é?

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:
o q faz a empresa q vc trabalha?

Alisson diz:

prefeitura

Alisson diz:

vc tem trabalho?

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:
tenho sim

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:
eu faço estágio

Alisson diz:

conheco estagio mto bom futuro e melhor

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:
é importante sim

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:
e vc estuda também?

Alisson diz:

sim

Alisson diz:

formou

Alisson diz:

vc?

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:
estudo o que?

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:
eu estudo jornalismo e vc se formou em que?

Alisson diz:

ex- escola Instituto santa ines

Alisson diz:

nao ainda faculdade so

Alisson diz:

3 grau ja formou dps fazer faculdade nao sei

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:
entendi, vc fez até o primeiro colegial?

Alisson diz:

ex-escola Instituto santa ines

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:

e o q vc faz de bom aí nos finais de semana?

Alisson diz:

otimo ficou minha casa descanso

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:

descansar é sempre bom msm

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:

vc trabalho o dia inteiro?

Alisson diz:

sim manha e tarde so

Alisson diz:

noite fazer nada

Alisson diz:

seu nome talita?

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:

sim, talita

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:

é bom q a noite vc pode descansar?

Alisson diz:

nao e descanso so semana a final

Alisson diz:

so livre

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:

Alisson, foi bom conversar com vc..eu preciso ir agora.

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:

bom trabalho aí!

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:

até a próxima

Alisson diz:

ok

Alisson diz:

ate mais

Alisson diz:

prazer conversar de vc

Alisson diz:

beijos

Alisson diz:

xau

talita: "tudo o q cala fala mais alto ao coração..." diz:

bjoss..xau!

Conversa 2:

Alisson Talim diz:

oi tudo bem??/

Alisson Talim diz:

vc esta ocupado?]

talita diz:

não ..toh tranquila..

talita diz:

tudo bem com vc?

Alisson Talim diz:

estou bem aqui

Alisson Talim diz:

vc esta bem?

Alisson Talim diz:

a hoje vai chegar 2007 vive

talita diz:

tb estou bem, graças a Deus!

Alisson Talim diz:

o que bom

talita diz:

2007 daí..daki a algumas horinhas, neh??!

Alisson Talim diz:

e

Alisson Talim diz:

a hoje tem mto orgulhoso 2007

talita diz:

o seu ano foi bom?

Alisson Talim diz:

e

talita diz:

onde vai passar a virada?

Alisson Talim diz:

meu amigo la festa

talita diz:

na casa de um amigo?

Alisson Talim diz:

e

talita diz:

legal..

Alisson Talim diz:

vc vai sair ano?

talita diz:

vou passa na minha igreja..vai ter ceia depois da meia noite

Alisson Talim diz:

bom

talita diz:

preciso sair agora..bjo![/

Alisson Talim diz:

ta bom

Alisson Talim diz:

bjos

talita diz:

FELIZ ANO NOVOOOO...Q DEUS TE ABENÇOE MUITO!

Alisson Talim diz:

feliz ano novo 2007

Alisson Talim diz:

ok